

DISCURSO NA POSSE DO JURISTA E POETA DR. IVES GANDRA MARTINS NA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA.

-CARLOS NEJAR

Estamos diante de um eminente jurista, que ama a poesia e é poeta, não negando a previsão de Shelley, de que os poetas são os hierofantes de uma inspiração ignota; os espelhos das gigantescas sombras que o futuro lança sobre o presente ; as palavras que expressam o que eles não entendem ; as trombetas que anunciam as batalhas e não sentem o que lhes inspiram; ; a influência que não se move, mas move. Os poetas são os legisladores desconhecidos do universo. E os filósofos se revelam na ferocidade com que vêm , antes das leis , a essência do homem e o seu porvir. E é filósofo o poeta que legisla a esperança.

E se Shelley sabia a importância das leis e dos juristas para a convivência humana, adivinhava , por isso , que o ato de solidariedade, com a jurisdição de fundar leis, aprofunda no cerne de tal

enamoramento de existir , também a fonte lustral da filosofia. Porque em Ives Gandra Martins o jurista habita o poeta que habita o filósofo , como o raio habita o trovão.

O ora empossado é reconhecido tributarista ,e está entre os maiores; mostrando-se arauto de um espírito jurídico que não abre mão da defesa dos princípios regidos pela Carta Magna, consagrando-se como paladino contra o arbítrio do poder central, que hoje avança, em todas as escalas, onde pagamos duramente até o ar que se consegue respirar.Por isso observa Cioran que “o real dá asma”. Mas sem o real igualmente não filosofamos , por que os axiomas se medem com o dia e a excitação da miséria se alavanca com a noite. E não há objeto mais valioso para a experiência de pensar do que o ar do real , donde vem o fôlego vivente , o arfante respirar do Espírito. Ives Gandra Martins , é mais que Mestre do Direito, Mestre entre os advogados, mestre dos pareceres, mestre nos magistrais livros de saber jurídico, mestre que não se cala na imprensa, através de jornais e revistas. Mestre do equilíbrio humano,núcleo da filosofia (“ O peso e a graça “ , de Simone Weil) , a graça de existir na leveza da luz , tendo ao mesmo tempo o que Saint-John Perse caracteriza como “

o escândalo do poema”. Conduzido sabiamente , por ele , ao “ escândalo da justiça”. .Haja vista seus livros O Estado de Direito e o Direito do Estado , onde examina, desde a evolução histórica, o Estado democrático e o da força , determinando os limites dessa atuação; Uma Teoria do Tributo, em que elabora a questão tributária sobre o ângulo dos dirigentes justos e injustos; A Queda dos mitos econômicos , vislumbrando uma Constituição com perfil sintético , observando que os grandes temas do passado vêm-se transcendidos , crendo na potencialidade brasileira para progredir, apesar dos governos. Por fim, A Era das Contradições , com os desafios para o novo milênio , acolhendo os paradoxos humanos e a complexidade das relações que o progresso engendrou . Contudo, é o poeta, mais do que o jurista , que se anima contra a selvagem globalização. E é o filósofo, mais do que o jurista , que se arrima numa “ razão de ser” , imbuído de uma ética de Estado , “ conformando o comportamento moral das autoridades e dos agentes informadores , na virada do século XXI “ , considerada da maior relevância , apesar de muitas vezes ser manipuladora da sociedade brasileira e da mundial, tão

ávidas por viver dias de dignidade, na imprensa e no Poder. Mostra-se poeta quando jurista e mostra-se filósofo, quando visionário. Se o artista esculpe o Direito, o Direito esculpe o filósofo naqueles elementos que compõem o aqueduto da convivência. E mais ainda o filósofo esculpe o jurista, quando o devir heracliano e a evolução corruptora do Estado desafiam o tempo. E o próprio tempo é fugaz.

E sabeis , Ives , Cidadão maior , no dizer de um Poeta , em sua Antielegia ao bem da república, que “ muitos abrem a cova e se encolhem e se saúdam alegres, por já existir muita terra em cima . E se de um relance , algum pássaro os vê , surpreendem-se por se encolherem sem causa . Porque em cima , todos nós sabemos, Ives, estão os senhores da gleba, os senhores políticos, os usuários de cartões corporativos entre penumbra e erva. Em cima estão reservados os lugares e ferrolhos nas portas , com direitos caindo como folhas das árvores.E alguém está em cima , porque outro está embaixo, como gangorra que não se move sem as pontas. E em cima alguns bradam sobre a vida eterna e os de baixo sobre as camadas de nada, cavam : formigas o inverno.E os da cova

assumem postos valiosos, cada vez mais fundos , onde não de sumir ou esvaziar. E os chefes em cima celebram a república. E ao entrarem de cabeça no abismo, encolhem o abismo. E a nação democrata, invencível, não pode parar”. Sim , e vossa luta não pára , vossa luta é nossa ,quando escreveis justamente ,abraçado a uma Ética , que é a filosofia , à cata do destino e da origem de nós todos, sobreviventes , em lúcido e veraz artigo, saído em 6 de fevereiro deste ano, na Gazeta Mercantil, indagando, para que serve a Constituição Brasileira: “ Hoje, tenho eu a impressão de que o “cidadão comum e branco” é agressivamente discriminado pelas autoridades e pela legislação infraconstitucional , a favor de outros cidadãos, desde que sejam índios, afro-descendentes ou se auto-declararem pertencerem a minorias submetidas a possíveis preconceitos. “ Ou quando referis adiante :” Os invasores de terras, que violentam, diariamente, a Constituição, vão passar a ter aposentadoria, num reconhecimento explícito de que o governo considera, mais que legítima, meritória a conduta consistente em agredir o direito(...) Desertores e assassinos , que, no passado, participaram da guerrilha , garantem a seus

descendentes polpudas indenizações, pagas pelos contribuintes brasileiros. Está em torno de quatro bilhões de reais, hoje, como alegais , nobre advogado,poeta, ser filosofante , o que é subtraído dos pagadores de tributos para “ressarcir” aqueles que resolveram pegar em armas contra o governo militar, ou se disseram perseguidos”. Sempre os que se encolhem na cova e os que ficam em cima . E os que permanecem em cima, tirando vantagens sobre os que estão embaixo, como as pontas de uma gangorra. E sempre os chefes no poder celebram a república , não importando o que ela seja, ou tenha infelizmente se tornado.

Por isso e tantas outras coisas, vossa biografia , Ives Gandra Martins, é um poema composto sob a música de Bach,outras vezes um aforismo sem desordem de palavras, outras, a fulgurância sem escalas ,que ornou vosso pai e cobre vosso irmão, genial pianista e maestro. E é num poema, onde o pensador se entretece , que assim dedicastes, pleno de amor à Rute, companheira inseparável , “Eu sou aquele que descobre estrelas/ No teu olhar que o mundo não descora,/ Acalentando sonhos, por retê-las, /Passado tempo, que se faz de agora.// Eu sou aquele

que, no eterno espaço, / Junto de ti
caminha, passo a passo.// ”- anota num de
seus sonetos.Ou então :”O tempo desfaz as
forças,/Mas não desfaz o que é forte./O
tempo se torna breve, porém o querer
eterno/Refaz as forças que restam.//Eu te
amarei hoje e sempre”//. Esse mesmo amor
à bem-amada , é vosso abrasado amor pela
coletividade.”Amor omnia vincit!” – bradava
o mantuano Virgílio. E o amor à filosofia que
nos convence desta alteza terrena , que ,
pelo Espírito , transcende a morte . Ou faz
com que ela nem dê por nós , tão distraída.

E no fio bruxuleante das idéias,
mudo de pronome para não mudar o
magnético relógio da invocação. E conto a
experiência de um notável físico , que
subitamente perdera as horas de seu
tempo , Leon Seren, por haver participado,
nem mais nem menos, da detonação da
primeira bomba atômica em Hiroshima . E
nada podendo fazer, pediu, sim, bem mais
tarde perdão , perdão por ter feito aquilo.
Alguns acham que tais pessoas inteligentes
nunca deveriam pedir perdão. Mas foi
exatamente esse ato que desequilibrou a
lembrança da maldade, ou da prepotência
científica.

Ao contrário, Ives Gandra Martins ,
parece pedir perdão , na sua simplicidade, à

própria grandeza , sem haver detonado nada, a não ser a benevolência e o serviço ao próximo. Não podendo impedir de detonar em todos nós , acadêmicos e presentes, o sentimento de comum admiração pelo que tem realizado com seu pensamento em ação, que é justiça caminhando.

Não mencionarei seus títulos, nem mais os nomes dos livros que enchem as páginas e estantes, nem às 21 academias , a que pertence, entre elas, a Academia Paulista de Letras . Prefiro referir-me à sua privilegiada inteligência, à brônzea integridade do caráter , marca de nascença. Ou sua condição de homem forjado em leis , música, cultura, erudição, poesia , filósofo de cativados sonhos, homem principal, cidadão que inquire , refletindo , sobre esta civilização , tão mortal como todas . E que , entretanto, por meditar ferozmente , descobre uma nova consciência , que é ética e possível , unitária, interminável.

Sim, todos os títulos e atos de Ives Gandra Martins se entranham no filósofo, que ao interpretar as leis, busca a causa das coisas. Quando ele próprio afirma:”A história da humanidade descerra o papel da educação e da cultura no seu evoluir, na conformação dos reinados e impérios

diferenciados por sua arte e filosofia. “ E diz adiante:” Graças aos filósofos gregos pré-socráticos, aos três gênios (Sócrates, Platão e Aristóteles) , e ao Helenismo, posterior, desenhou-se a civilização romana que, ao instrumentalizar o direito, o conceito de cidadania , a educação, em seu império ocidental e oriental , permaneceu com força de dominação durante 2.100 anos (754 A.C. a 1453 D.C.) “ Sim , essa “ força de dominação”, agora sob a égide do Direito , este conceito de cidadania, que é alicerce de sua vasta atividade, não passa de um eterno investigar o princípio do universo e sua harmoniosa escala de valores. E incansável , Ives Gandra Martins , cumpre o alto ofício de intentar o desvendamento não só de nossas instituições , também de nosso destino, indo além , ao tatear esta matéria de que somos feitos, sem esquecer, shakespearaneamente, “ o leite da bondade humana”. Sem bondade, não há misericórdia e sem misericórdia, não há justiça, pois , como assegurava o Apóstolo dos Gentios, “ o amor é o complemento da lei”.

Sob tantos títulos , douturações, honoris causa de tantas universidades, está um ser naturalmente nobre, generoso, votado à amizade , ao respeito das

diferenças , que deve ser o apanágio do entendimento das criaturas e civilizações. Cogitando - e por que não ? – com o pensador Jürgen Habermas na “ inclusão do outro”, confirmando que “ uma lei é válida no sentido moral quando pode ser aceite por todos, a partir da perspectiva de cada um”.

E o filósofo em Ives Gandra Martins coexiste com o jurista, por se banhar na história, com o ritual de ver e compreender cada período , escolhendo sua mágica significação.

E se para Cioran , “ viver é perder terreno” , para Ives , viver é antecipar terreno. Superá-lo, confrontar a realidade para modificá-la. Porque a “a filosofia” - para Sartre - “ é a totalização do saber, das reivindicações e da correlação de forças de uma época dada”. E é exatamente o cerne do saber de Gandra Martins , o mergulho na totalidade – tanto a do homem , quanto a dos princípios que regem o poder e seu enxame de leis.

Afirma o turco Orhan Pamuk, Prêmio Nobel da Literatura:” Escrevo para ser feliz”. Ives escreve seus livros para o conhecimento e a felicidade de todos.

“ A revelação do ser a sós , do ser sem sujeito “ – admoesta Maria Zambrano

-“ foi dado por Parmênides e exige do homem a identidade de pensar com o ser “ . E a ilustre ensaísta espanhola acresce: “ A atitude filosófica se parece com o abandono, à partida do filho pródigo da casa do Pai”.

Mas esta recepção na Casa da Filosofia , entre acadêmicos, escritores, autoridades e nobre platéia , é o outro lado, o inverso.

É o Filho que retorna à Casa Paterna, esta Academia. E assim todos os acontecimentos da existência são contemporâneos, desembocam neste rio de glória e pensamento. É um coroar que se efetua , aqui, com o percurso que Ives Gandra Martins trilhou a favor do bem comum .

É um cume de jornada , donde ele pode contemplar com olhos abertos e livres , lá embaixo, o que ficou, as sendas vencidas , magistras tratados , galardões obtidos. E o mistério : o de um homem bom, de superior lucidez , com o entusiasmo de servir, ânimo sensível e incapaz de perder a fé, ou a certeza do futuro, tendo por instrumento moral , a imaginação , geradora de sua própria história entre eternidade e mudança. Ou quando na poesia e justiça a

eternidade é beleza. “A beleza é a verdade para sempre” – afirmava Keats.

E que se enfatize quanto Ives Gandra Martins não se prende ao poder e nem o quis . Nem se ufana em bajulá-lo . Está acima , no patamar dos que assumem posição de independência , que é respeito a si próprio e a seus insubstituíveis valores.

Entendeu que ao pugnar pela justiça , já tem a plenitude da poesia e nessa , um filosofar que se abre à dimensão mais humana . Vive de enfrentar o bom combate, sendo levado pela vida , entre os raros, aqueles que, para Carl Sagan, são “matéria estelar” . E como se presume que na sidérea esfera deve haver a proclamação de uma Constituição de nuvens e estrelas ou a igualdade fiscal de um Direito Tributário de Cometas, podeis descansar Ives Gandra Martins, podeis aquietar-vos . Pois V. Exa. , segundo a previsão do grande Leon Bloy ,está seguramente entre os raros, os que se acrescentam à Via-Láctea.

Carlos Nejar, ETA, ficcionista e crítico. Da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia.Rio, 29 de abril de 2008.